

economia

Copom eleva taxa Selic para 14,75% ao ano

Com a decisão do colegiado, a 6ª no ciclo de alta, juros alcançam o maior nível registrado em quase 20 anos

/CONJUNTURA

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central desacelerou o ritmo de alta de juros e elevou ontem a taxa básica Selic em 0,5 ponto percentual, de 14,25% a 14,75% ao ano - maior nível registrado em quase duas décadas. O colegiado do BC seguiu o plano desenhado em março, quando indicou que continuaria subindo os juros diante do panorama “adverso” para a convergência da inflação à meta e da elevada incerteza. Embora não tenha antecipado qual seria o ritmo específico, afirmou que previa um ajuste menor do que 1 ponto percentual - intensidade adotada em três reuniões seguidas, desde dezembro de 2024.

Ao todo, o Copom já realizou seis aumentos consecutivos da Selic no atual ciclo de alta de juros - iniciado na gestão anterior, de Roberto Campos Neto. A taxa acumula elevação de 4,25 pontos percentuais desde setembro de 2024, quando estava em 10,50% ao ano.

A Federação das Indústrias do RS (Fiergs) destacou que a ele-

vação da taxa Selic reforça uma “trajetória preocupante para a indústria brasileira, que já enfrenta custos elevados, margens comprimidas e crescentes dificuldades de acesso ao crédito. O presidente Claudio Bier reconhece que há fatores externos que interferem no ambiente econômico, mas alerta para a necessidade de o governo fazer a sua parte em relação ao controle de gastos e ao necessário ajuste fiscal.

Com a decisão do Copom, o Brasil subiu da quarta para a terceira posição no ranking mundial de juros reais com dados para o mês de junho, abaixo de Turquia e Rússia, que já estavam entre os três maiores em maio deste ano. A taxa brasileira recuou de 8,79% ao ano para 8,65% ao ano, mas o País subiu na lista por causa da queda dos argentinos, cuja taxa passou de 9,35% (2ª posição em maio) para 3,92% ao ano (8ª posição em junho). O ranking foi elaborado pelo Portal MoneYou e pela Lev Intelligence, que estimou uma taxa média de 1,6% ao ano em 40 países.

Para o presidente da Fiergs, o

combate à inflação exige, prioritariamente, responsabilidade com as contas públicas e medidas efetivas de gestão que restabeleçam a confiança. “Manter uma política de juros elevados como resposta única ao descontrole fiscal significa penalizar o setor produtivo. É preciso atacar as causas estruturais, não seguir tratando os sintomas”, afirma. Segundo demonstrado pela Unidade de Estudos Econômicos (UEE) da Fiergs em levantamentos realizados na Sondagem Industrial e na Pesquisa de Investimento, as condições de crédito para as empresas pioraram nos últimos meses, trazendo impactos negativos para a indústria, agravados com o aumento na taxa de juros.

A Selic está agora no mesmo patamar observado entre julho e agosto de 2006. No entanto, na época, a taxa básica seguia em trajetória de queda depois de ter atingido o pico de 19,75% ao ano, em meio ao escândalo do mensalão, em 2005. A decisão de ontem correspondeu à expectativa majoritária do mercado financeiro. Na véspera desta reunião, levantamento

feito com 32 instituições mostrou que 31 esperavam alta de 0,5 ponto percentual e apenas uma projetava um aumento de 0,25 ponto.

Desde o último encontro, ganhou força a análise de que a guerra comercial aberta pelos Estados Unidos poderá ter um efeito desinflacionário para o Brasil. Isso fez as expectativas de inflação caírem para este ano e estacionarem para prazos mais longos, ainda que em um patamar distante da meta.

O alvo central perseguido pelo BC é 3%, com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para mais ou para menos. Isso significa que a meta de inflação é considerada cumprida se oscilar entre 1,5% (pisso) e 4,5% (teto).

Segundo o último boletim Focus, os analistas projetam que o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) termine o próximo ano no limite superior da margem de tolerância. Para 2026, horizonte de tempo na mira do BC, a estimativa mediana do mercado é de 4,51%. Para 2027, a projeção segue estável pela 11ª semana seguida, em 4%. Mas o cenário internacional continua incerto e ainda há dú-

vidas sobre o impacto das tarifas anunciadas por Donald Trump, de um possível acordo dos EUA com a China e da reação do Fed (Federal Reserve, o banco central americano), que nesta quarta manteve os juros inalterados no intervalo de 4,25% a 4,50% ao ano.

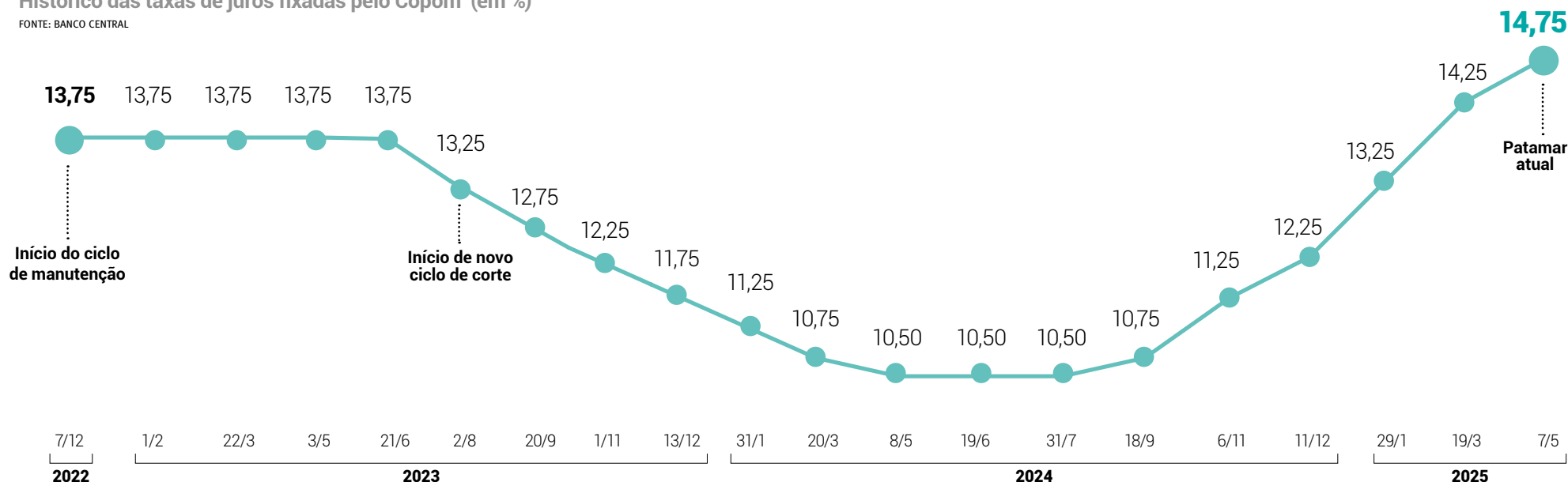
A renda fixa pós-fixada se tornou ainda mais atrativa após a decisão do Copom, dando mais um impulso à classe de investimentos que tem rentabilidade ligada à Selic ou ao CDI (Certificado de Depósito Interbancário), seu equivalente. “Como os pós-fixados acompanham a taxa de juros, os Tesouro Selic terão uma rentabilidade próxima a 15%, um pouco maior do que a apresentada até então”, diz Antonio Sanches, analista de alocação da Rico.

Devido aos efeitos defasados da política monetária sobre a economia, o BC mira agora a inflação do 4º trimestre de 2026, conforme o sistema de meta contínua. O comitê é hoje composto majoritariamente por representantes indicados por Lula, com sete dos nove membros. O Copom volta a se reunir nos dias 17 e 18 de junho.

Evolução da Taxa Selic

Histórico das taxas de juros fixadas pelo Copom (em %)

FONTE: BANCO CENTRAL



Federal Reserve mantém a taxa de juros pela terceira vez consecutiva

O Federal Reserve (Fed, banco central do EUA) decidiu manter a taxa de juros dos Estados Unidos na faixa de 4,25% a 4,50% pela terceira vez consecutiva. A decisão, tomada de forma unânime entre os diretores, ocorreu em meio à incerteza econômica induzida pelas políticas tarifárias do governo de Donald

Trump e aos apelos do republicano por um corte de juros.

A manutenção da taxa era esperada pelo mercado na reunião desta quarta, uma vez que as autoridades do Fed já vinham indicando que queriam ter uma visão mais clara dos rumos da economia antes do próximo movimento na taxa de juros.

Em conversa com jornalistas, o presidente do Fed, Jerome Powell, defendeu que o banco está numa boa posição para esperar antes de mudar a política monetária e que os pedidos de Trump “não afetam em nada o trabalho e as decisões” do banco.

Powell reforçou o que já havia sido dito após a última

reunião da instituição, afirmando que ainda há muita incerteza quanto ao escopo, duração e impactos das tarifas na economia americana. “Achamos que é apropriado nos mantermos pacientes. Há muita incerteza”, disse.

No comunicado de ontem, o banco afirmou que a economia

continua expandindo em “ritmo sólido” apesar do impacto das variações nas exportações nos dados econômicos. O Comitê de Política Monetária (Fomc, na sigla em inglês) também destacou que a inflação continua um pouco elevada, citou um mercado de trabalho firme e as taxas de desemprego em níveis baixos.